

Design oferecido por:

BRANDKEY
MARKETING ACTIVATION SINCE 1989



CATOLICA
CESOP - CENTRO DE ESTUDOS
E SONDAJENS DE OPINIÃO
LISBOA



Banco Alimentar
contra a fome

ENTRAJUDA
APOIO A INSTITUIÇÕES DE SOLIDARIEDADE SOCIAL

UTENTES DE INSTITUIÇÕES DE SOLIDARIEDADE SOCIAL

Uma abordagem à Pobreza nesta população

Tânia Correia

Leonor Pereira da Costa

Este estudo foi conduzido pelo Centro de Estudos e Sondagens de Opinião (CESOP) da Universidade Católica Portuguesa em parceria com o Banco Alimentar e a ENTRAJUDA e constitui a quarta edição de um projeto que teve início em 2010 e que tem tido uma periodicidade bianual. O objetivo deste projeto é recolher um conjunto de informação que permita conhecer e caracterizar os utentes que se deslocam a instituições de solidariedade social (abrangidas pelo apoio do Banco Alimentar e da ENTRAJUDA), de modo a que intervenções futuras sejam melhor direcionadas para as reais necessidades e características desta população.

A amostra deste estudo é constituída por **1 466 inquéritos** válidos representativos dos agregados familiares (“famílias”) apoiados por instituições de solidariedade social¹. São efetuadas algumas comparações com os resultados obtidos nas edições anteriores. Este documento apresenta os resultados recolhidos em finais de 2016 e está organizado de modo a responder a três questões sobre as famílias apoiadas pelas instituições de solidariedade social:

¹ Os inquéritos obtidos são provenientes de 165 instituições de solidariedade social, sendo o número de utentes na amostra proporcional ao número de utentes na respetiva NUTII. Mais informações sobre a metodologia de recolha de dados podem ser encontradas no relatório do estudo.



QUEM SÃO AS FAMÍLIAS?

- COMPOSIÇÃO DOS AGREGADOS FAMILIARES;
- CARACTERÍSTICAS DEMOGRÁFICAS (IDADE, HABILITAÇÕES LITERÁRIAS E SITUAÇÕES DE DOENÇA OU DEFICIÊNCIA).



COMO VIVEM?

- SITUAÇÃO ECONÓMICA, HABITAÇÃO, ALIMENTAÇÃO, SAÚDE;
- APOIOS INSTITUCIONAIS RECEBIDOS PELOS AGREGADOS FAMILIARES;
- PRIVAÇÕES E EXPERIÊNCIAS ESCOLARES DAS CRIANÇAS DESTAS FMÍLIAS.



COMO SE SENTEM?

- DIFICULDADES SENTIDAS PELAS FAMÍLAIS,
- SENTIMENTO DE POBREZA E SOLIDÃO;
- PERSPETIVAS PARA O SEU FUTURO PRÓXIMO.

QUEM SÃO AS FAMÍLIAS?

Famílias com crianças e com adultos de baixa escolaridade

30%

são crianças

79%

são famílias

44%

das famílias têm doentes ou deficientes a cargo

49%

não tem instrução ou apenas o 1º ciclo do ensino básico (pessoa que mais contribui financeiramente para o agregado familiar)

A maioria das famílias apoiadas por instituições de solidariedade social é composta por 2 a 4 pessoas, tem crianças e adultos de baixa escolaridade.

Os **agregados familiares** são, em média, constituídos por 3 pessoas.

Número de pessoas por agregado	Número de agregados familiares	% de agregados familiares	Média pessoas
1	291	20,7%	1,0
2	334	23,7%	2,0
3-4	548	38,9%	3,5
+5	231	16,7%	5,8
Total	1408	100%	3,0
Não responderam	58	-	-

63%

das famílias com 2 a 4 pessoas

21%

das famílias tem apenas 1 pessoa

Tendo em conta a idade dos elementos das famílias, distinguem-se cinco tipos de famílias:



famílias com crianças (até aos 17 anos) a viver com adultos (dos 18 aos 64 anos);



famílias com crianças, adultos e idosos (a partir dos 65 anos),



famílias só com idosos



famílias com adultos e idosos,



famílias só com adultos

	Total Famílias	% de Famílias	Total crianças	Total membros
Com crianças e adultos (sem idosos)	605	43%	1158	2429
Com crianças, adultos e idosos	61	4%	93	294
Só idosos	176	13%	0	232
Adultos e idosos	151	11%	0	441
Só adultos	407	29%	0	782
Não responderam	66	-	-	-

47%

das famílias com
crianças e jovens

28%

das famílias com
idosos

13%

das famílias só com
idosos

Em cerca de 44% das famílias, uma ou mais pessoas sofre de doença ou deficiência (47% em 2014 e 48% em 2012), situação que na grande maioria dos casos condiciona a vida dessas famílias, porque impede essa pessoa de trabalhar (33%), implica muitas despesas (29%) ou exige muitos cuidados pessoais (19%).

Em que medida a doença/deficiência condiciona a vida da família...	% correspondentes com doença ou deficiência na família
Impede a pessoa doente/deficiente de trabalhar	33%
Impede outro membro da família de trabalhar	9%
Implica muitas despesas	29%
A pessoa doente/deficiente necessita de muitos cuidados pessoais	19%
Não condiciona a família	10%
Total	100%

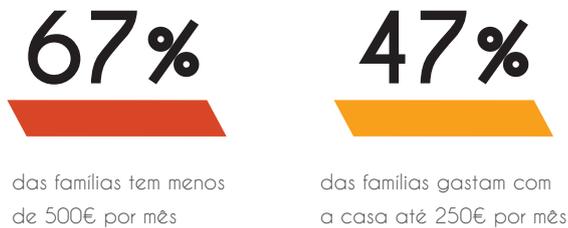
Em cerca de metade das famílias, a pessoa que mais contribui financeiramente para o agregado familiar não tem instrução ou apenas o 1º ciclo do Ensino Básico, e apenas 5% tem um grau superior.

Habilitações Literárias	Respondente	Pessoa que mais contribui financeiramente para o agregado familiar ²	Respondente	Pessoa que mais contribui financeiramente para o agregado familiar ²
Sem escolaridade	235	199	17%	17%
1º Ciclo	499	490	36%	35%
2º Ciclo	184	207	13%	15%
3º Ciclo	229	246	17%	17%
Ensino Secundário	190	214	14%	15%
Grau Superior	47	58	3%	4%
Total	1384	1414	100%	100%

²Escolaridade mais alta entre as duas respostas dadas - a do próprio e a da pessoa que mais contribui financeiramente para o agregado familiar

COMO VIVEM AS FAMÍLIAS?

Os baixos rendimentos não são suficientes para viver



Mais de 2/3 das famílias dispõe de [rendimentos mensais](#) líquidos abaixo dos 500€. Tal facto tem sido constante nas várias edições do estudo.

Em 2016, o escalão mais alto de rendimento (501€ ou mais) alcança o maior valor percentual de sempre: 33% das famílias inserem-se neste escalão. No entanto, apenas 12% das famílias inquiridas apresentam rendimentos superiores a 750€.

Em 2016, o [rendimento per capita médio](#) dos agregados familiares é de 187€³. Nos agregados com crianças aquele valor é de apenas 146€³ e nos agregados sem crianças de 225€³.

“Tenho uma reforma muito pequena, não chega para tudo”

António, 83 anos, reformado

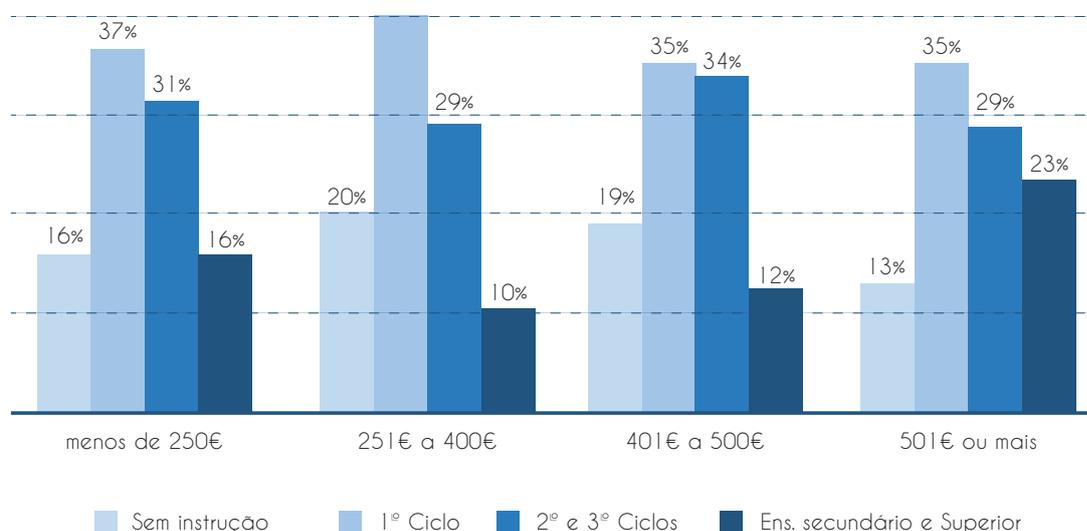
RENDIMENTO MENSAL DO AGREGADO FAMILIAR: OS BAIXOS RENDIMENTOS NÃO SÃO SUFICIENTES PARA VIVER

Os agregados familiares com menores rendimentos correspondem a respondentes com menos escolaridade, com mais idade e com agregados familiares mais pequenos. Esta caracterização é semelhante à verificada em 2012 e 2014, com exceção da variável idade que em 2014 não se mostrou significativa para esta caracterização.

No que respeita à escolaridade, nos três níveis mais baixos de rendimento, mais de metade dos respondentes possuem apenas até ao 1º Ciclo do Ensino Básico. Apenas no escalão mais elevado de rendimento (501€ ou mais) se verifica uma maior percentagem de indivíduos com o Ensino Secundário e Superior (52%).

³ Médias simples

RENDIMENTO MENSAL DO AGREGADO FAMILIAR POR NÍVEL DE ESCOLARIDADE



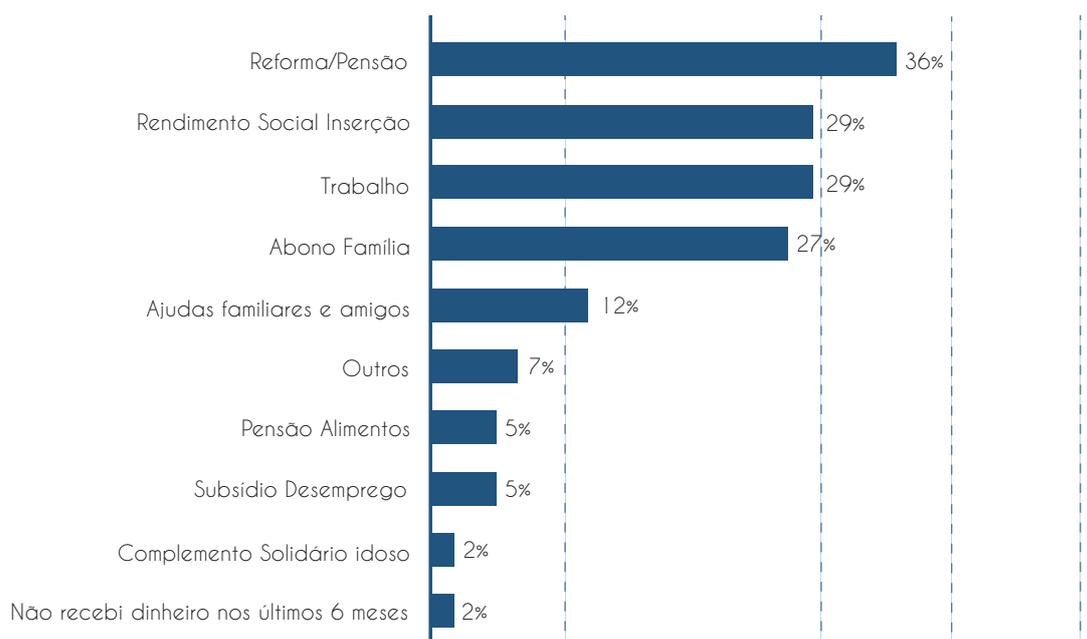
29%

das famílias tem rendimentos
provenientes do trabalho

Outro aspeto relevante para a situação económica dos inquiridos é o relativo à proveniência dos rendimentos. É frequente ver associados a grupos mais desfavorecidos rendimentos oriundos de prestações sociais, como reformas/pensões ou outros subsídios. Tal como aconteceu nas edições anteriores deste projeto, verifica-se existir uma dependência de subsídios sociais de diversos tipos e apenas em 29% dos casos o rendimento das famílias tem origem no trabalho. O que não invalida a existência de outros apoios sociais a complementarem o rendimento total das famílias.

Os rendimentos oriundos de reformas/pensões são os mais expressivos na amostra, referidos em 36% dos casos, o que não é estranho, uma vez que 21% dos respondentes têm 65 ou mais anos.

NO ÚLTIMO MÊS, DE ONDE VEIO O DINHEIRO QUE TÊM PARA VIVER?



Refira-se ainda que nos dois escalões mais altos (a partir dos 401€), o trabalho e o abono de família assumem-se como duas das principais fontes de rendimento. O RSI está presente em todos os escalões de rendimento, sendo mais expressivo nos escalões mais baixos, baixos, diminuindo progressivamente a percentagem de abrangidos à medida que aumenta o escalão de rendimento.

47%

das famílias com 1 ou mais desempregados

68%

dos desempregados há mais de 2 anos

O desemprego está presente em cerca de metade das famílias. 47% das famílias têm pelo menos um desempregado (entre o próprio e/ou o que mais contribui financeiramente para o agregado familiar). Destes, 68% estavam desempregados há mais de 2 anos; 17% entre 1 e 2 anos; 10% entre 3 meses e 1 ano e 6% há menos de 3 meses. No total de desempregados, 15% têm entre 18 e 30 anos, 25% têm entre 31 e 40 anos, 59% têm entre 41 e 65 anos, e apenas 1% têm 66 ou mais anos (para todos os escalões etários, o desemprego é a situação perante a profissão que agrega mais respostas⁴).

⁴Entre os indivíduos com idades compreendidas entre os 18 e 30 anos 56% estão desempregados; para aqueles entre os 31 e 40 anos, 50% encontram-se desempregados e no total de indivíduos com idades entre os 41 e os 65 anos 41% estão desempregados.

“Sou muito nova e tive de me reformar por ser muito velha para trabalhar.”

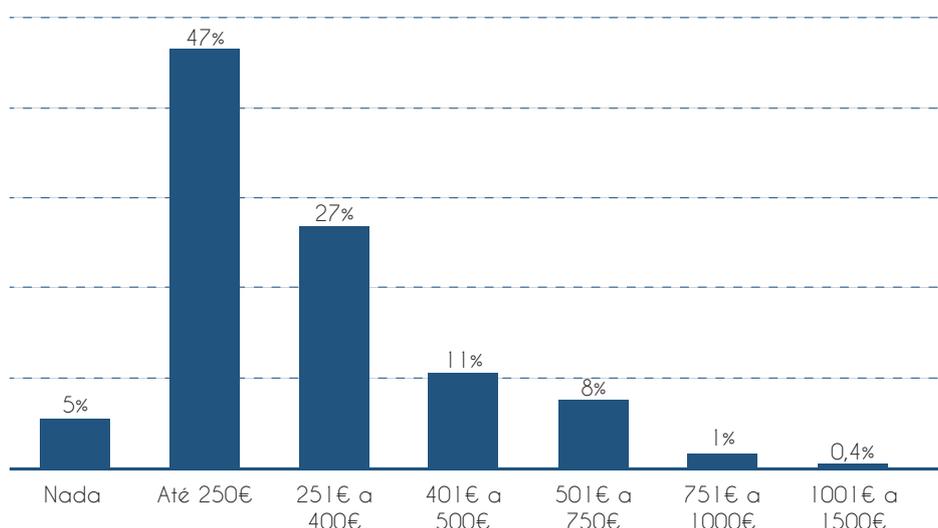
Teresa, 57 anos, reformada

Outro aspeto importante a tomar em consideração na caracterização da situação económica das famílias é o referente aos gastos com a casa.

Em 2016, cerca de metade das famílias (47%) gastam até 250€, por mês, em despesas com a casa (renda da casa/ empréstimo, água, luz, gás, telecomunicações) e 27% gastam, mensalmente, entre 251€ e 400€ com a casa.

À partida, estes valores poderão ser considerados relativamente baixos, contudo, em média, as famílias dispõem de 466 € por mês, o que poderá significar para algumas famílias que metade ou mais de metade do rendimento disponível seja canalizado para despesas com a casa.

NO TOTAL, QUANTO GASTAM POR MÊS COM A CASA (RENDA OU EMPRÉSTIMO DA CASA/ ÁGUA/ LUZ/ GÁS/ TELECOMUNICAÇÕES)?



Estes valores podem ser a razão para que em mais de metade das famílias (55%) o rendimento familiar nunca seja suficiente para viver. Apenas 13% das famílias, em 2016, indicam que o seu rendimento é sempre suficiente para viver.

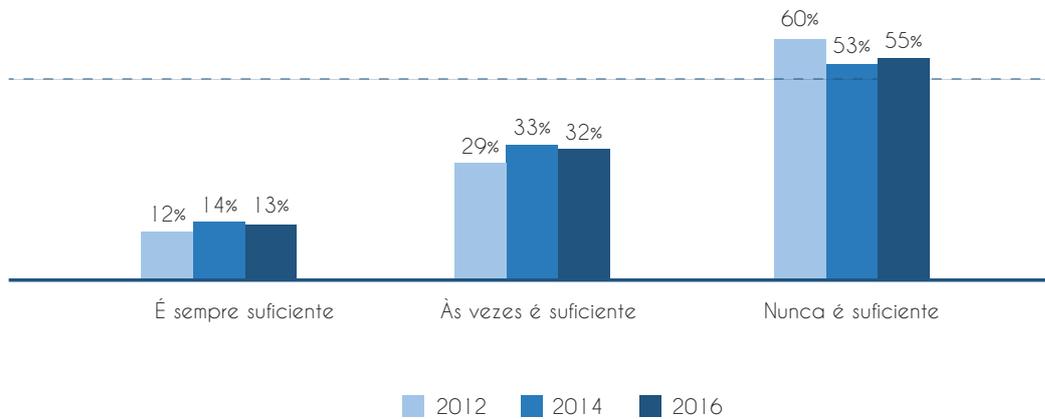
55%

das famílias referem que o seu rendimento nunca é suficiente para viver

31%

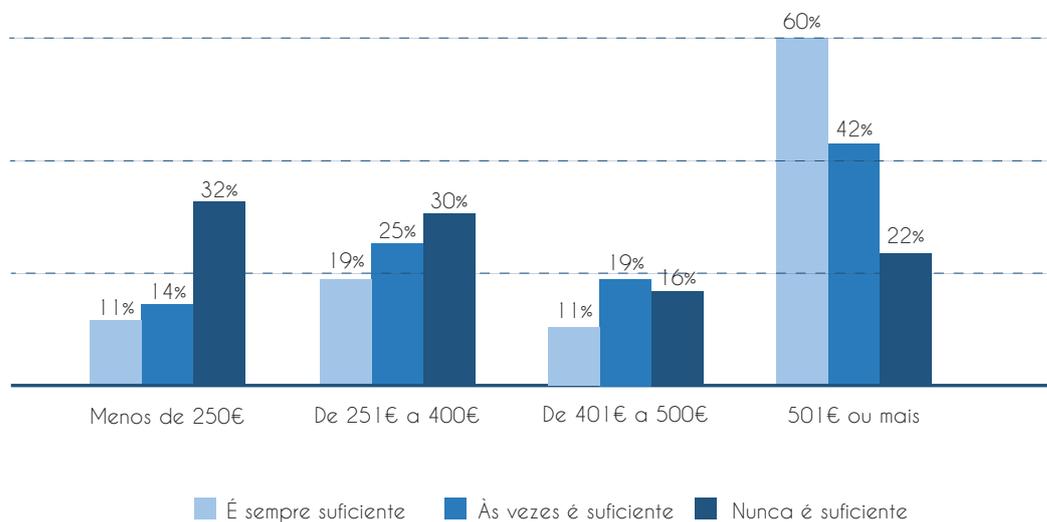
das famílias nunca tem dinheiro para comprar alimentos até ao final do mês

PERCEÇÃO SOBRE O RENDIMENTO FAMILIAR



O rendimento mensal dos agregados familiares influencia bastante aquela percepção: à medida que diminui o escalão de rendimento, diminui a percepção do rendimento ser sempre suficiente para a família viver.

PERCEÇÃO SOBRE O RENDIMENTO FAMILIAR POR RENDIMENTO MENSAL DO AGREGADO FAMILIAR



De uma maneira geral, à medida que aumenta a idade diminui a perceção de que o rendimento é insuficiente. Entre os que referem que o rendimento nunca é suficiente para viver, 64% têm entre 41 e 65 anos.

A situação económica dos utentes de instituições de solidariedade social tem sido igualmente aferida com base no acesso a um conjunto de bens e serviços que permitem avaliar o grau de privação das famílias. As carências alimentares são o primeiro aspeto a considerar.

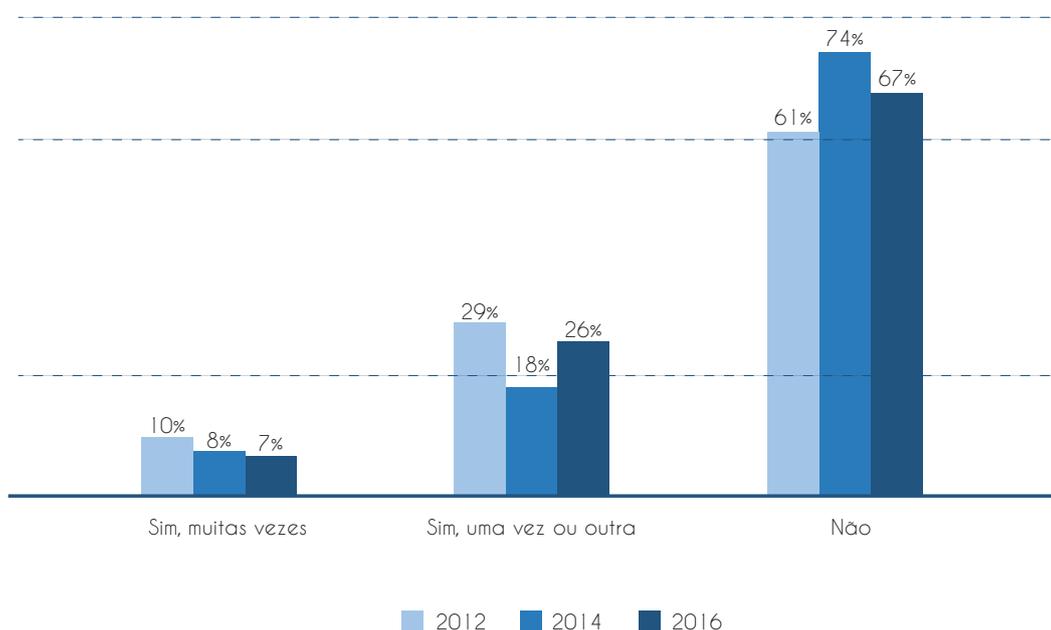
Em 2016, a percentagem de indivíduos que estiveram “uma vez ou outra” sem comer durante um dia inteiro aumentou de forma significativa (26% em 2016, face a 18% em 2014). São os inquiridos com idades compreendidas entre os 41 e os 65 anos quem mais referiu ter estado algum dia inteiro sem comer: 37% nesta faixa etária.

“Sei que em qualquer altura posso não ter o que comer”

Isabel, 42 anos, recebe Rendimento Social de Inserção

Regista-se assim, em 2016, um ligeiro agravamento das carências alimentares, quando se comparam os resultados com os de 2014, não alcançando, contudo, os valores mais negativos de 2012.

Nos últimos 6 meses, esteve algum dia inteiro sem comer, por falta de dinheiro? (2012, 2014 e 2016)

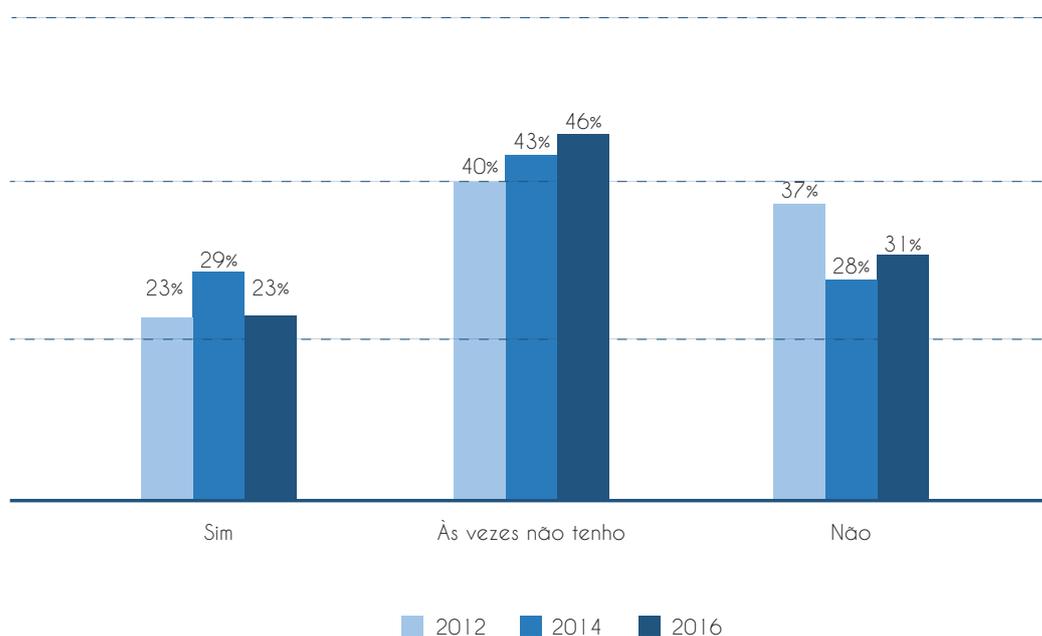


A percentagem de inquiridos que refere às vezes não ter dinheiro para ter comida até ao fim do mês tem vindo a aumentar ao longo dos 4 anos em análise, atingindo 46% em 2016. Aumentou também a proporção de indivíduos que “não têm” (31% em 2016 e 28% em 2014).

“É muito difícil chegar ao fim do mês com dinheiro para pagar as contas e dar de comer aos meus filhos”

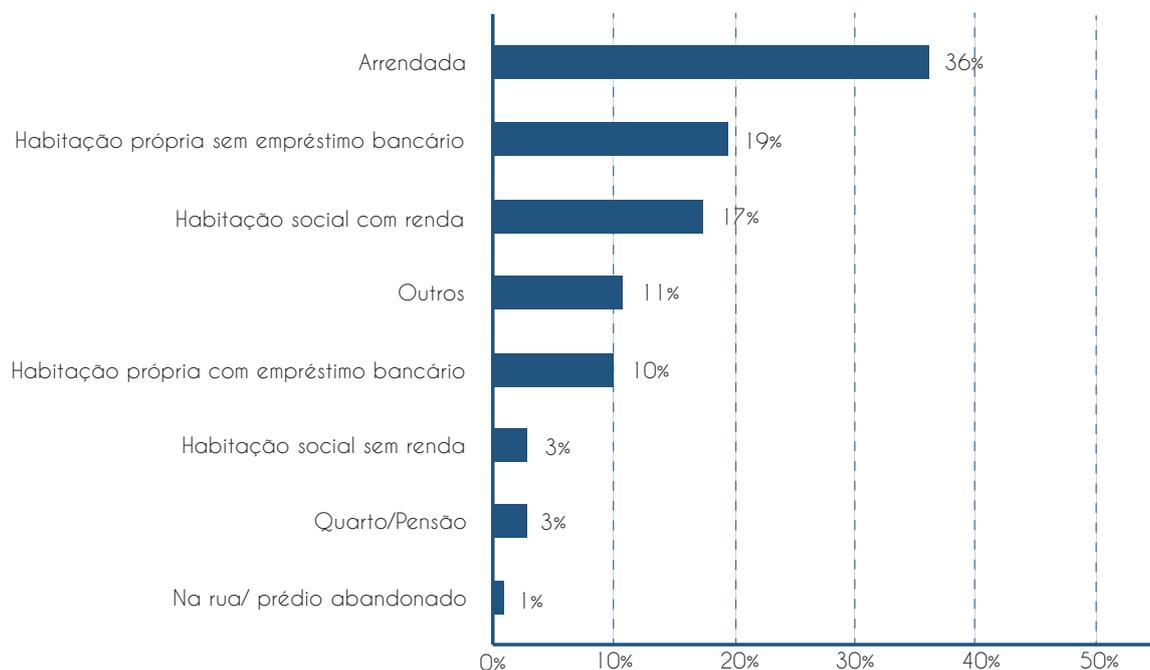
Fernanda, 35 anos, empregada de limpeza, 3 filhos

TEM DINHEIRO PARA TER SEMPRE COMIDA ATÉ AO FIM DO MÊS? (2012, 2014 E 2016)



Relativamente à habitação, a maioria das famílias (63%) paga renda ou empréstimo bancário pela habitação onde vive. Destes, 53% vive em casa arrendada e 10% vive em casa própria com empréstimo bancário (estes valores não diferem dos recolhidos em 2012 e 2014).

A SUA CASA É...



Como esperado, o rendimento dos agregados familiares encontra-se relacionado com o tipo de habitação. Os inquiridos que têm habitação própria, com ou sem empréstimo bancário, ou casa arrendada são aqueles que dispõem de um maior rendimento familiar mensal; pelo contrário, é na habitação social (com ou sem renda), no quarto/pensão e na rua /prédio abandonado que se encontram os respondentes com rendimentos mais baixos.

“Cada vez mais precisamos de ajuda. As associações são a nossa família”

Maria, 48 anos, desempregada, 2 filhos

51% das famílias estão a receber apoio de uma instituição há mais de dois anos e 22% entre um e dois anos. O apoio alimentar, seja na forma de cabazes ou refeições, é a principal área em que os inquiridos recebem ajuda (85% dos casos). Foi também referido o apoio à procura de emprego (12%), apoio domiciliário (9%), serviços de saúde (9%)

Áreas em que recebem apoio da instituição	% Famílias
Apoio Alimentar (cabaz/refeições)	85%
Outra área	14%
Apoio à procura de emprego	12%
Serviços de saúde ou clínica médica	9%
Apoio domiciliário	9%
Apoio financeiro	8%
Apoio na análise das faturas de gás, luz, eletricidade	7%
Escolarização/Formação Profissional	5%
Gestão doméstica/aproveitamento dos alimentos	5%
Gestão do orçamento familiar e dos créditos	4%
Apoio jurídico e fiscal (preenchimento do IRS)	4%
Traduções	1%
Total	163%

a. COMO VIVEM AS CRIANÇAS?

As crianças portuguesas encontram-se entre as mais vulneráveis da União Europeia, sendo Portugal o país com a oitava maior taxa de pobreza infantil (18,2%⁵).

Na aplicação corrente, do ano 2016, foram introduzidas novas questões alargando o inquérito à experiência dos filhos ou crianças a cargo dos agregados familiares inquiridos para conhecer a sua vivência e de que forma a sua condição económica tem impacto em vários domínios da sua experiência escolar e profissional.

⁵ OECD (2017), Poverty rate (indicator). doi: 10.1787/0fe1315d-en (Acedido em 27 Março 2017).

36%

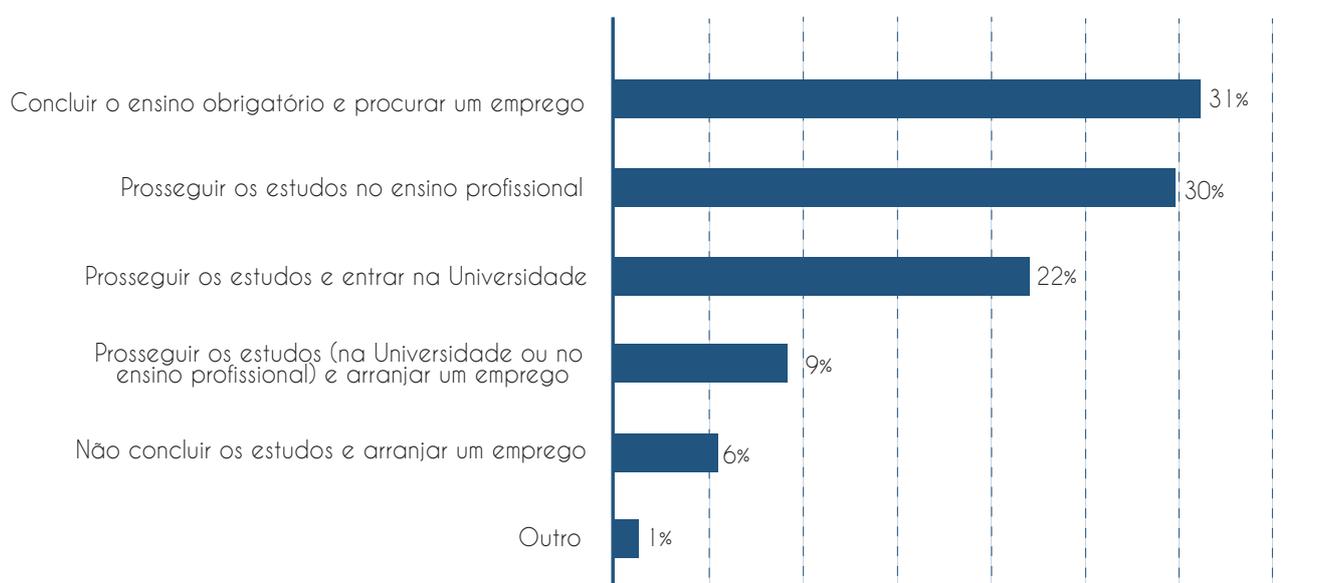
das crianças e jovens na escola
reprovaram pelo menos uma vez

42% das famílias têm crianças e adolescentes a frequentar a escola, correspondendo a um total de 614 famílias e 876 crianças abrangidas.

Destas crianças e jovens, 36% já reprovaram pelo menos uma vez durante o seu percurso escolar (21% uma vez e 10% duas vezes), aquela taxa é significativamente superior à média nacional (13%⁶). Este resultado é consonante com um estudo⁷ recente com alunos de 2.º Ciclo que mostra quão vincadas, e em praticamente todas as disciplinas, são as diferenças de desempenho escolar entre os alunos com Apoio Social Escolar e sem apoio. Estes valores são preocupantes pelas consequências que têm de perpetuação da pobreza.

Outra das consequências desta condição económica, muitas vezes aliada ao insucesso escolar, diz respeito aos percursos escolares interrompidos, frequentemente por vontade própria.

Dos jovens a entrar na idade adulta (16-17 anos), abrangidos por este estudo, 31% ambicionam acabar o percurso escolar obrigatório e ir trabalhar, 30% prosseguir os estudos no ensino profissional, e 22% desejam continuar para a Universidade .



⁶ Conselho Nacional de Educação (CNE, 2015).

⁷ Direcção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência (2017). Resultados escolares por disciplina 2.º Ciclo - Ensino Público Ano letivo 2014/2015. Lisboa, Portugal.

52%

das famílias com crianças e jovens na escola não conseguem comprar o material escolar.

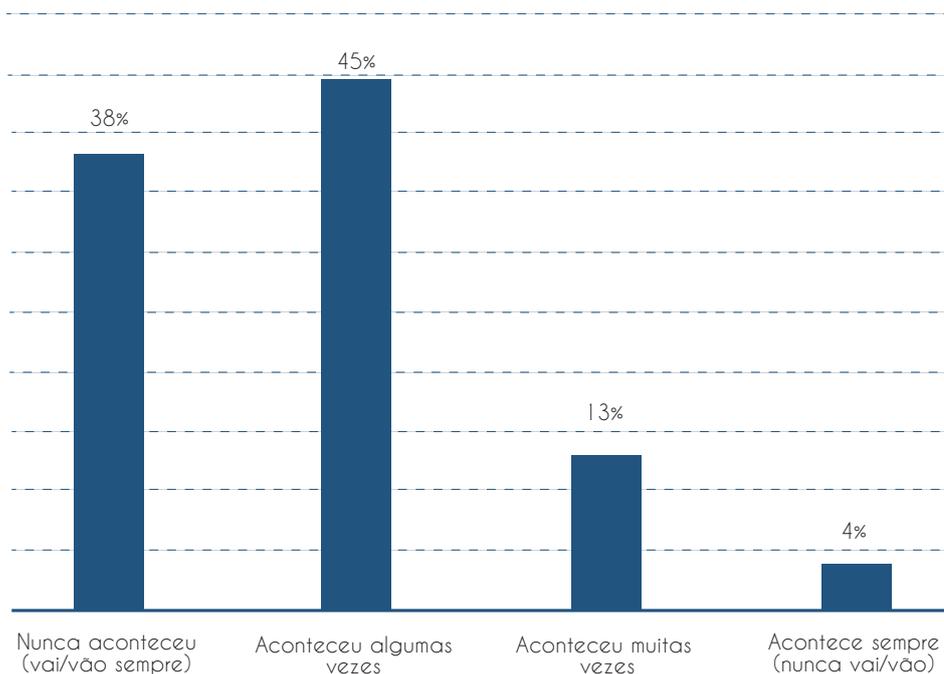
45%

viram os seus filhos faltar, algumas vezes a visitas de estudo e passeios por falta de dinheiro.

10% dos respondentes referem que os seus filhos são muitas vezes ou todos os dias discriminados pelos colegas devido à sua condição económica.

52% das famílias crianças e adolescentes a frequentar a escola “raramente” ou “nunca” conseguem comprar o material necessário para as atividades escolares do menor a seu cargo.

CONSEGUE COMPRAR TODOS OS LIVROS E MATERIAL ESCOLAR QUE OS MENORES QUE VIVEM EM SUA CASA PRECISAM PARA A ESCOLA?



COMO SE SENTEM?

A falta de trabalho, de dinheiro e de saúde são as principais preocupações

As dificuldades / preocupações que as famílias apoiadas pelas instituições de solidariedade social prendem-se sobretudo com a falta de trabalho, a insuficiência de rendimentos e a falta de saúde/existência de doença.

Dificuldades que a família atravessa	% Famílias
Uma ou mais pessoas estão desempregados	45%
Não conseguimos encontrar emprego	29%
Doença/Deficiência	29%
O meu ordenado é baixo	13%
Separei-me/Divorciei-me	7%
Acabou o subsídio de desemprego	5%
Alcoolismo/Toxicod dependência	4%
Estou a trabalhar em horário reduzido	4%
Foi recusado/Não tive direito ao subsídio de desemprego	2%
Ordenados em atraso	1%
Outra	11%
Nenhuma	9%
Total	159%

Atualmente o que o/a preocupa mais?	%
Saúde/ Falta de saúde/ Doença	23%
Trabalho / Falta de trabalho / Desemprego	22%
Falta de dinheiro/ Falta de rendimentos/ Rendimentos baixos	18%
Alimentação / Falta de alimentos / Fome	9%
Futuro/ Futuro de terceiros	4%
Filhos	4%
Família / Situação familiar	3%
Casa/ Falta de casa/ Casa com más condições de habitabilidade	2%
Viver sozinho/a/ Solidão	2%
Situação económica	2%
Despesas/ Contas	2%
Outros	10%
Total	100%

Quando questionados sobre sentimentos de desamparo, cerca de 39% refere que, em momentos de dificuldade, sente que a sua família está às vezes desamparada e 32% sente-se assim muitas vezes. Para além disso, cerca de 68% respondeu que se sente só muitas vezes ou às vezes.

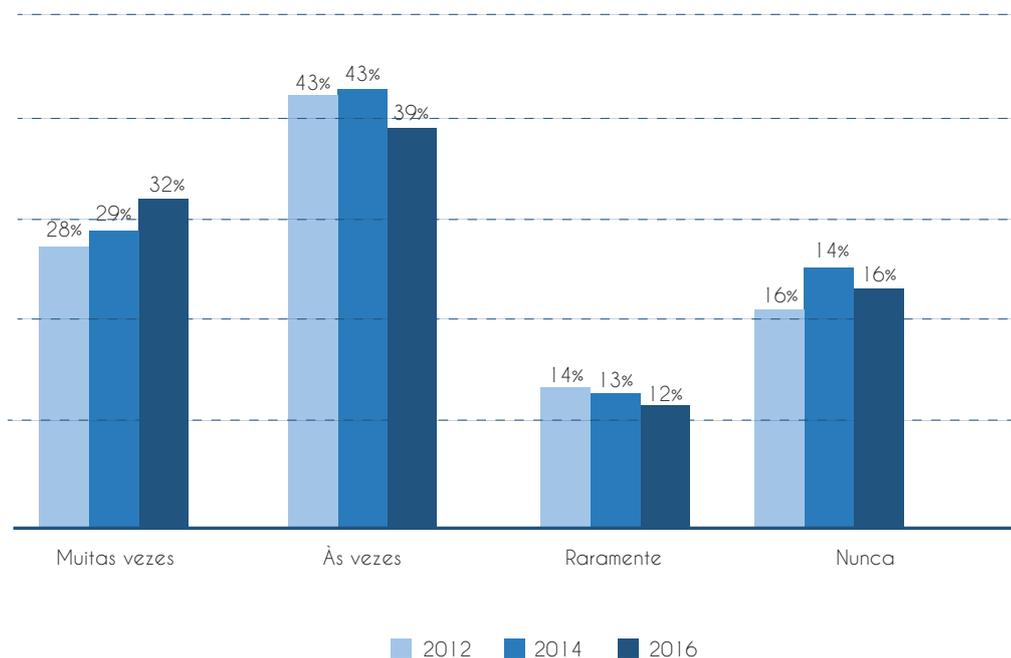
72%

sente-se desamparada

68%

sente-se só

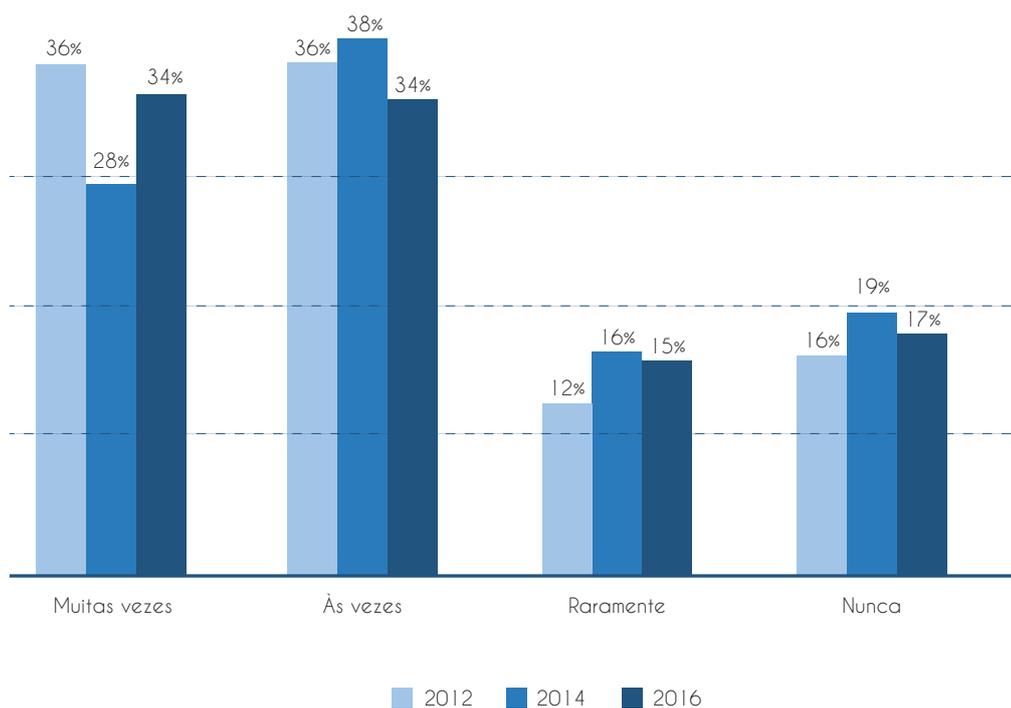
SENTIMENTO DE DESAMPARO EM MOMENTOS DE DIFICULDADE DA FAMÍLIA?: (2012, 2014 E 2016)



“Tenho medo de adoecer e não ter ninguém para me amparar”

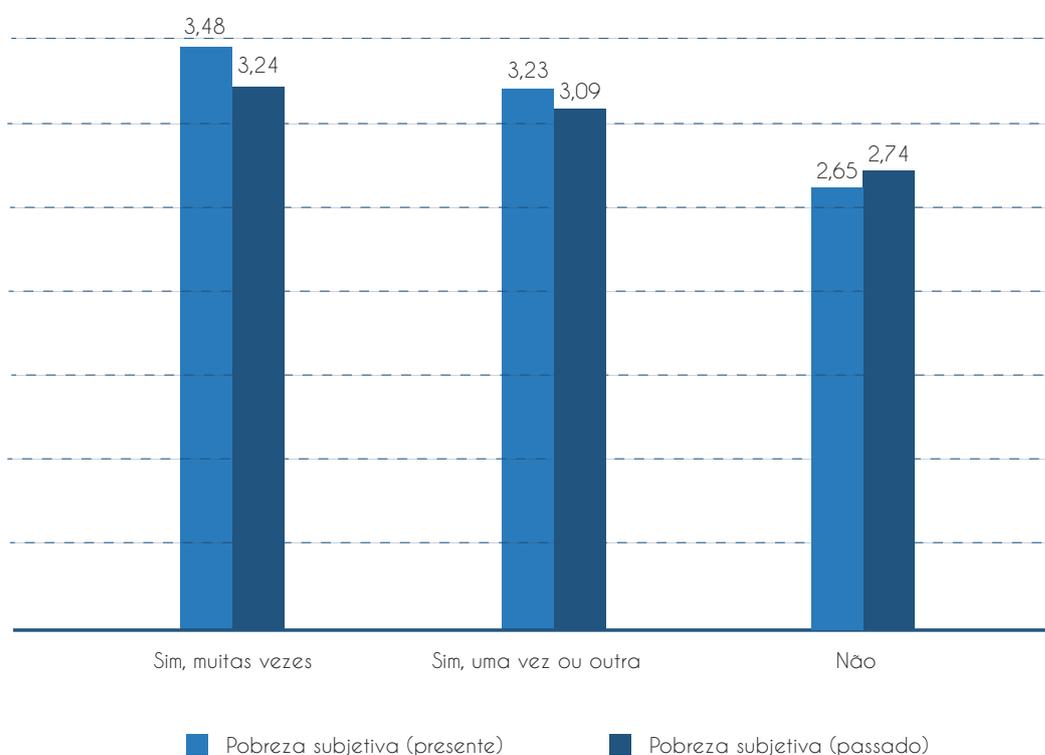
Graça, 78 anos, viúva

SENTIMENTO DE SOLIDÃO: (2012, 2014 E 2016)



Embora em questões mais objectivas como é o caso do rendimento, das carências alimentares, se verifique a manutenção da situação, ou até um ligeiro agravamento, face às edições anteriores, em dimensões mais subjectivas, parece haver uma ligeira melhoria das condições de vida dos indivíduos ou pelo menos da percepção que estes têm acerca daquelas. Em 2012, cerca de 82% dos inquiridos dizia sentir-se pobre, em 2014 79% e este ano de 2016 desce ainda para 66%. Para além do sentimento de pobreza no momento do inquérito, 65% dos sujeitos consideram que quase sempre ou sempre se sentiram pobres no passado. O sentimento de pobreza está associado a pessoas com rendimentos e escolaridade mais baixa.

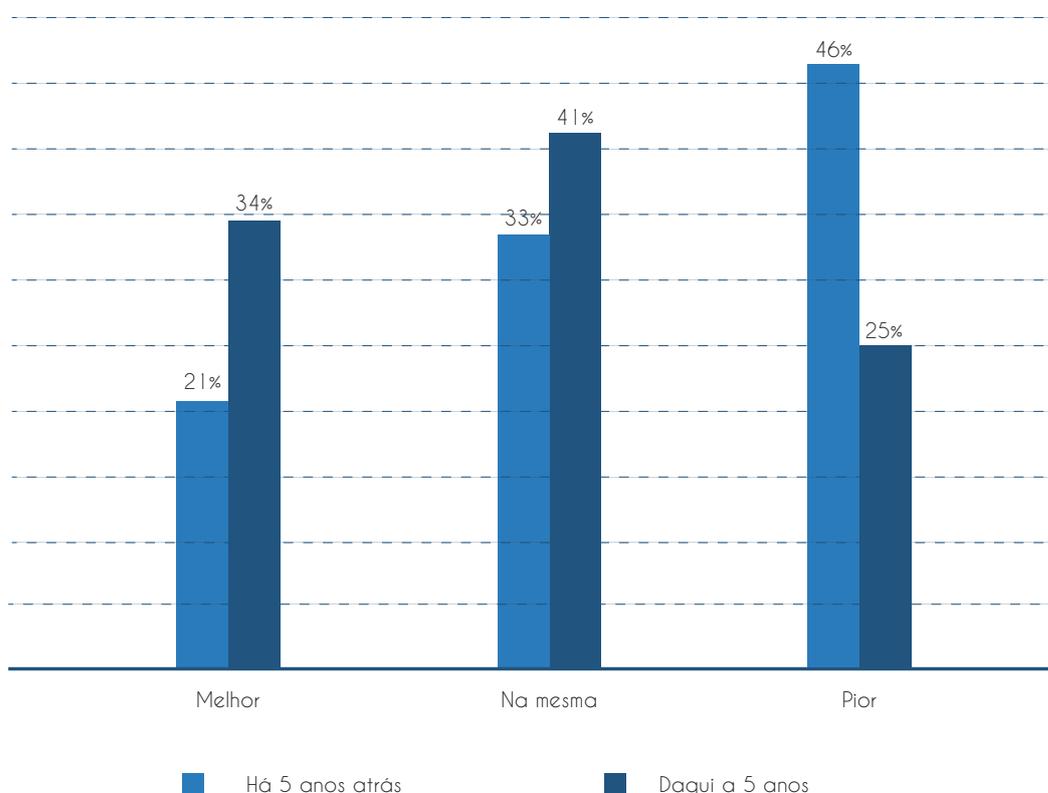
MÉDIAS RELATIVAS DO SENTIMENTO DE POBREZA SUBJETIVA E PERSISTÊNCIA DE POBREZA POR PRIVAÇÃO DE REFEIÇÃO NOS ÚLTIMOS SEIS MESES.



Para além disso, são os respondentes que durante os últimos seis meses passaram por privação de alimentação (ter estado um dia inteiro sem comer, por falta de dinheiro) que se sentem mais pobres subjetivamente, em relação aqueles que não passaram por esta privação. O mesmo acontece em relação ao sentimento de persistência da sua condição de pobreza: são aqueles que não passaram por esta privação nos últimos seis meses que também quase nunca se sentiram pobres no passado.

Quase metade dos respondentes (46%) considera que a sua vida está pior do que estava há cinco anos atrás, apesar deste valor ter decrescido em relação a 2014 (55%). Quando olham o futuro, 41% considera que a sua vida estará igual e 34% que estará melhor.

EM RELAÇÃO AO QUE ACONTECIA HÁ 5 ANOS ATRÁS, A SUA VIDA HOJE ESTÁ ... / E COMO VÊ A SUA VIDA DAQUI A 5 ANOS ...? (% DE RESPOSTAS)



CONCLUSÃO

- 63% das famílias apoiadas por instituições de solidariedade social tem 2 a 4 pessoas, 48% tem crianças e jovens a cargo, e em 49% das famílias a pessoa que mais contribui financeiramente para o agregado familiar, não tem mais que o 1.º ciclo.
- 67% das famílias dispõe de rendimentos mensais líquidos inferiores a 500€.
- Em 44% das famílias existe alguém com deficiência ou doença e em 47% pelo menos um desempregado
- 36% das crianças e jovens a frequentar a escola já reprovaram pelo menos uma vez durante o seu percurso escolar, valor significativamente superior à média nacional de 13%.
- Embora em questões mais objectivas como é o caso do rendimento, das carências alimentares, se verificou a manutenção da situação, ou até um ligeiro agravamento face às edições anteriores do estudo, em dimensões mais subjetivas, (designadamente no sentimento de pobreza subjetivo) parece ter havido uma evolução positiva no sentido de melhorias de vida dos utentes.